

## **Coringa: uma Cristologia invertida?**

26/01/2020

Maria Clara Bingemer  
teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Sem ser frequentadora de Gotham City ou fã do Batman, não esperava muito do filme. No entanto, o mesmo me impactou. Que personagem é aquele, que figura é aquela, mergulhado no mal desde sempre e tentando incessantemente uma saída, mas não tendo o consentimento da sociedade para isso?

Outra pergunta cabe ao lado de “que personagem é aquele”? Que ator é este que indigna e, ao mesmo tempo, desperta compaixão, ternura, empatia? Representa um assassino. Sim. Contumaz e serial. No entanto, vendo Coringa, torcer pelo bandido é quase inevitável. Nada simples a obra de Todd Philips. Ao contrário, altamente complexa. E o talento de Joaquin Phoenix só faz complexificá-la ainda mais.

O Coringa é um daqueles que Eduardo Galeano chamou de “nadies”, palavra castelhana que significa “ninguém”. Segundo o poema de Galeano, os “nadies” sonham com um dia mágico em que a sorte chova abundantemente sobre eles. Mas isso nunca acontece. Porque eles são invisíveis. Apanham, apanham e teimam em levantar-se e continuar buscando sair da margem e habitar o centro, o lugar onde há nomes, rostos, identidades.

No entanto, - ainda segundo Galeano - os “nadies” não são, ainda que sejam; não falam idiomas, mas dialetos; não professam religiões, mas superstições; não fazem arte e sim artesanato; não produzem cultura, mas folclore. Não são seres humanos, e sim recursos humanos; não têm cara nem nome, não figuram na história oficial. Apenas são personagens da página de crimes da imprensa e dos meios de comunicação. Valem menos que a bala que os mata.

O drama do Coringa é esse seu anonimato não escolhido, mas imposto por suas terríveis circunstâncias de vida. É um ninguém porque é filho de ninguém: de um pai ignoto ou duvidoso, de uma mãe que não o parira nem amamentara. A sociedade onde vivia tratou de empurrá-lo sempre para a margem, impedindo-o de erguer a cabeça a cada tentativa.

A teologia poderia bem situar o Coringa na categoria de vítima. As vítimas são aquelas pessoas que não podem escolher a vida que desejam porque são invisibilizadas e neutralizadas por todas as formas de poder. Não se pergunta a teologia por suas virtudes ou defeitos, sua elevação de espírito ou sua propensão para o crime. Apenas constata-se que nossa sociedade é opressora, cruel e de certo modo assassina. E que estes, os “nadies”, são suas vítimas constantes e ressentidas.

Dessa sociedade é vítima o Coringa, aquele que acaba fazendo da violência e da morte seu lugar de fala. E esconde seu desespero atrás de um riso indomável que é prontamente identificado como problema neurológico, facilitador de enclausuramento ou internação compulsória em hospícios que são, na verdade, campos de extermínio.

O que o filme mostra é que este que mata e ri não é um caso isolado. Com ele e como ele são muitos, multidões, legiões de “nadies”, que a cada dia têm que buscar a vida que teima em se apresentar como ameaça e morte. Ou como anonimato forçado, que inviabiliza qualquer tipo de reconhecimento, de proximidade, de relacionalidade.

Contra isso vai a revolta do Coringa, que se constata não ser apenas dele. Tanto é assim que a cena final, com o personagem já morto, traz algo de ressurreição e “redenção” que impulsiona e turbinha a revolta dos pobres e das vítimas. Esses e essas vão buscar a visibilidade que desejam com violência.

Por isso, escolhi esse título temerário, perguntando se o Coringa, na verdade, não nos faz enxergar uma redenção ainda que pelo avesso. Se não seria sua anti-história uma cristologia invertida. O personagem negativo, vilão e assassino, na verdade é o único que consegue fazer sair da imobilidade, da passividade os que penam sob o jugo de ser ninguém em uma sociedade que só abre espaço para ricos, celebridades e famosos.

Nada mais antagônico à pessoa de Jesus Cristo, com seu evangelho do amor e do perdão, e sua morte violenta transfigurada em salvação para vítimas e algozes. No entanto, fazer com que os adormecidos acordem e enxerguem sua situação; arrancar os “nadies” de sua terra de ninguém não é uma espécie de redenção? Não será talvez a única possível para as vítimas produzidas por nossa desumana sociedade? O Coringa como aquele que revela às vítimas sua aterrorizante condição passa a ser então o anti-herói daquela anti-humanidade. E assim como Jesus Cristo é o paradigma da história e da humanidade, o Coringa é paradigma da anti-história e da anti-humanidade.

Saio do filme pensando que, se continuarmos produzindo Coringas, talvez um dia nossas cidades sejam Gotham City em versão piorada.